

AGÊNCIA BANCÁRIA EM MARINGÁ – O CASO BANESPA

Tânia Nunes Galvão Verri (Orientadora), Aníbal Verri Junior (Co-orientador),
Thiago Falcão Simões (PIC/UEM), Vinícius Alves de Araujo
(PIBIC/CNPq/AF-IS/UEM) e-mail: tngverri@uem.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Tecnologia / Maringá, PR.

Ciências Sociais Aplicadas/Arquitetura e Urbanismo

Palavras-chave: Arquitetura Bancária, Paulo Mendes da Rocha, Banespa.

Resumo:

Este trabalho é parte da pesquisa “Arquitetura Bancária em Maringá” e pretende interpretar, a partir do método do redesenho, a Agência do Banco do Estado de São Paulo – BANESPA, projeto de 1986 de autoria de Paulo Mendes da Rocha, localizado em Maringá.

Introdução

A pesquisa “Arquitetura Bancária em Maringá” (2016), reúne um conjunto de edifícios bancários projetados em Maringá desde sua emancipação (1951) até década de 1990. Vê-se expressivo número de arquitetos e empresas advindo das capitais brasileiras, sobretudo a paulista e a paranaense, provendo Maringá de edifícios bancários, conforme a tabela abaixo:

Tabela 01: Agências de Maringá.

ano	agência	autor
1952	Banco Sul Americano	José Augusto Bellucci
1956		Rino Levi
1962	Banco da Lavoura de Minas Gerais	Salvador Candia
1963	Banco do Estado do Paraná	Luty Kasprowicz
1976	Banco Nacional	Rocha Diniz e Sidonio Porto
1976	Banco do Brasil	Delmar Cardoso Martins
1980	Banco Comind	Königsberger Vannuchi
1980	Bamerindus	Renato Mueller
1980	Banco do Estado do Paraná	Rodolfo Doubek Filho
1983	Itau – João Eduardo De Gennaro	Itau
1985	Caixa Econômica Federal	Luiz Forte Netto
1986	Banco do Estado de São Paulo – Banespa	Paulo Mendes da Rocha

Fonte: elaborado pelos autores.

Este trabalho, então, toma a Agência do Banco do Estado de São Paulo – Banespa, projeto de 1986 de Paulo Mendes da Rocha, como objeto-fim de estudo.

Materiais e métodos

As referências documentais – 06 pranchas de desenhos produzidas pelo escritório Paulo A. Mendes da Rocha Arquitetos Associados S/C Ltda – coletadas na Prefeitura Municipal de Maringá, foram os registros encontrados da agência estudada. O material coletado foi sistematizado e, para precisa leitura, poutou-se no método do redesenho das peças gráficas em ferramenta CAD, essa prática, que contribui para o entendimento do edifício, segundo Piñón (2007), “é praticamente o único modo de reconhecer os valores de sua arquitetura, ou seja, de aprimorar – através do olhar – a capacidade de juízo, qualidade essencial para projetar”.

Com esses desenhos, partiu-se para a pesquisa exploratória com visitas técnicas à agência e entrevista com o engenheiro responsável pela execução da obra, Luiz Roberto Parizotto, a fim de complementar as informações faltantes, fazendo possível, então, a construção dos modelos tridimensionais, em *SketchUp* e maquete física.

Resultados e Discussão

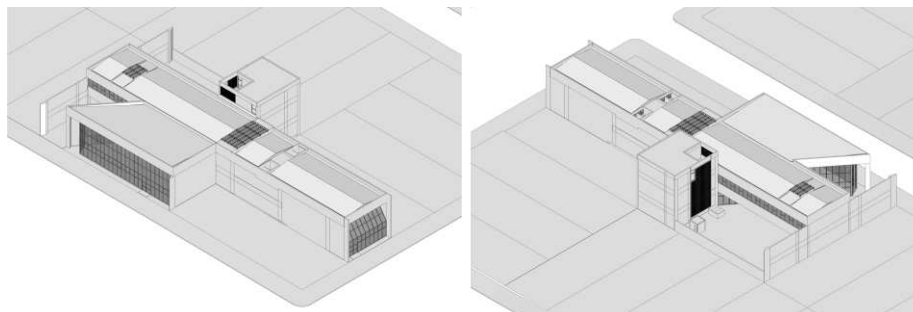


Figura 01 – Isométricas da Agência do Banespa Maringá. Fonte: Elaborado por Alves de Araujo.

O edifício do Banespa de Maringá é um dos representantes do momento em que a marca revisou suas instalações, contratando em 1975, o escritório Cauduro Martino Arquitetos Associados, que alterou os rumos institucionais adotados pela empresa bancária (LONGO JUNIOR, 2007)¹.

A agência, ocupa quatro lotes de 13,0m x 40,0m, sendo três deles contínuos, conformando um quadro de 39,0m x 40,0m, e o quarto lote perpendicular, na porção mediana à oeste com frente para à Avenida Duque de Caxias, somados, resultam numa forma de “T”, com área total de 2.080m². A forma do edifício é resultante da geometria “T”. O quadro de 39,0m x 40,0m é dividido por uma diagonal que define o espaço entre cheio,

¹ O escritório interveio não só na padronização da identidade visual da marca, como também criou diretrizes para os projetos arquitetônicos das agências que viriam a ser construídas, como o nosso caso.

com o salão de atendimento ao público e o vazio, do estacionamento, no térreo. No extremo posterior do quadro há uma torre que acomoda a circulação vertical, a área técnica e as instalações. No terreno perpendicular ao quadro, prolonga-se um pavilhão suspenso, que divide o quadro em três partes: a frontal contém o acesso principal com pé direito duplo, abrigando o atendimento ao público; na porção mediana, os caixas e a área de expediente no térreo e o setor de apoio e processamento de dados no pavimento superior, e na terceira faixa, uma torre contendo, o expediente no térreo, a tesouraria no pavimento superior e a praça das máquinas na cobertura.

Essa geometria está em consonância com a solução técnica, cuja estrutura, em concreto armado, do edifício implantado no lote perpendicular é composta por quatro conjuntos de pilares e vigas com vãos de 13,0m. No quadro, com os 39,0m de testada, há três apoios alinhados na mediana, configurando então, dois vãos de 19,5m longitudinalmente. As vedações nas divisas são em alvenaria enquadradas na estrutura, e, nas vias públicas e diagonal, um sistema constituído por tubos de alumínio e vidro, deixando transparentes as faces voltas às ruas.

O conjunto das peças redesenhadas e os modelos tridimensionais conformam a representação de uma versão, aqui analisada, que se aproxima da sua concepção de 1985. Essa remontagem proporciona uma leitura do edifício, num exercício que mescla a arqueologia e a dissecação, apresentando com fidelidade sua organização espacial, seus materiais, sua estrutura e documenta o edifício original. Entretanto, o intervalo de 32 anos que separa a concepção do edifício dessa análise, resultou numa nova agência bancária, sendo que um dos elementos responsáveis por essa nova percepção é a mudança do programa de necessidades, ocasionada pela automação bancária e dos novos meios informacionais.

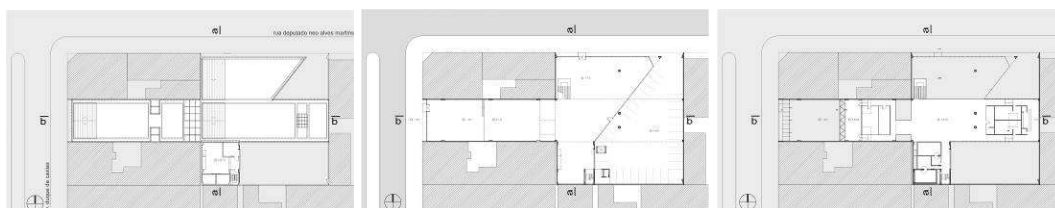


Figura 02 – Planta de cobertura, térreo e primeiro pavimento. Fonte: Redesenho de Alves de Araujo com base nos projetos da PMM



Figura 03 – Corte AA e corte BB. Fonte: Redesenho de Alves de Araujo com base nos projetos da PMM

Para se adequarem às novas demandas, alterações foram necessárias, surgindo assim, uma nova composição. Instala-se, então, um paradoxo no confronto da ideia de 1985 com a configuração de hoje. É dessa inquietação que se fomentam as sistemáticas leituras dos edifícios, que, segundo Cotrim, Vidal e Tinem (2011) podem ser entendidas como a ação de “decompor material e conceitualmente o objeto arquitetônico”. Parte-se então, da intenção de confrontar a versão primeira com a atual do mesmo edifício para documentar e registrar tais mudanças moldadas pelo tempo.

Conclusões

Nas palavras de Mendes da Rocha arquitetura é “êxito da técnica”, premissa conceitual que, no edifício analisado, está representada. Vemos que a constituição espacial é inseparável da lógica construtiva, portanto, o projeto tem arquitetura e técnica indissociáveis. É um edifício que representa o ideário moderno brasileiro, pois recupera soluções sedimentadas e simbólicas – como a liberdade da planta e a arrojo estrutural – e que se mantém dentro da poética de um arquiteto de extrema relevância, com qualidade equivalente à sua produção predecessora concentrada nos grandes centros, e que, por estar fora desse eixo, merece devida atenção.

Agradecimentos

À Fundação Araucária que fomentou a pesquisa no primeiro semestre, quando desenvolvida pelo acadêmico Vinícius Alves de Araujo, e aos professores Aníbal e Tânia, pelas orientações.

Referências

COTRIM, M.; VIDAL, W.; TINEM, N. Diálogos gráficos: o uso do desenho mediando aproximações entre história e projeto na formação do arquiteto. In: 7º Fórum de Pesquisa FAU-Mackenzie, 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: FAU Mackenzie, 2011. v. único.

LONGO JÚNIOR, Celso Carlos. **Design Total: Cauduro Martino 1967-1977**. 2007. Dissertação (Mestrado em Design e Arquitetura) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, São Paulo, 2007.

PARIZOTTO, Luiz Roberto. **Entrevista** [jul.2017]. Entrevistadores: Araújo, Vinícius Alves; Verri Junior, Aníbal e Verri, Tânia N. G. Maringá, 2017. 1 arquivo .mpeg-4 (63 min.).

PIÑÓN, H. La reconstrucción como proyecto. In: DIARTE, J. **Reconstrucción de Proyecto: Affonso Eduardo Reidy, Colegio Experimental Paraguay-Brasil 1952-65**. San Lorenzo: FADA/UNA, 2009, p. 09-11.